

A Laura e Levi Walsh

PRÓLOGO

14 de Setembro de 1998
Chatlam, Estado de Nova Iorque

O telefonema para a Polícia de Chatlam deu-se às quatro horas e dezoito minutos da madrugada de catorze de Setembro.

A voz embargada de uma mulher — a Sr.^a Mullens —, confundindo as palavras e hesitante nas orações, pediu com urgência uma ambulância, a Polícia, as autoridades, porque acabara de encontrar o patrão assassinado no escritório. Do outro lado da linha, a telefonista urgiu-lhe que tivesse calma, que não perdesse o controlo. Numa voz tranquila, aquela com que actuam as pessoas habituadas àquele tipo de situação, perguntou a Doris se, por acaso, existia a possibilidade de o assassino ainda estar dentro da casa. Foi então que a Sr.^a Mullens, no seu sotaque do Arkansas, lhe respondeu (com toda a calma de que foi capaz) que essa possibilidade não era uma mera possibilidade, mas um facto.

O assassino ainda lá estava dentro, porque pertencia àquela casa desde que nascera.

O assassino — aliás, a assassina — tinha dezasseis anos de idade.

Verão de 1987

Lagoeiro, Portugal

Na tarde em que eu comecei a chorar, a cadela trazia a boneca na boca, mordendo-a com a força dos seus caninos de bicho ainda jovem.

Chorei todas as noites durante uma semana, a boneca caída no relvado da casa de férias dos meus pais. Tornou-se o brinquedo de Niki até o meu pai a guardar na garagem. Era a única memória física que me restava de Laura e de Levi, que regressaram aos Estados Unidos no final de Agosto: uma coisa velha feita de trapos, com dois botões a servirem de olhos, cabelo ruivo e uma boca infeliz. A seguir — porque aos treze anos recuperamos com facilidade dos choques emocionais —, distraí-me com o ténis, a exploração do terreno dos lagartos e as parvoíces da minha irmã e esqueci-me temporariamente da ausência das raparigas americanas no Lagoeiro.

No ano seguinte, Laura e Levi não voltaram como prometido e a casa ao lado da nossa foi alugada durante o Verão por uma família de alemães, cujos filhos barulhentos e desordeiros fizeram a vida dos meus pais num inferno, com os mergulhos para a piscina às três da madrugada e a música *pop* aos berros o dia inteiro. O cheiro das *bratwürste* grelhadas invadiu as redondezas. Passei esse mês de Agosto a jogar ténis com o meu pai, a ler romances policiais e a trocar cartas com Laura, que respondia às minhas missivas sem demoras, mesmo depois de termos passado o ano inteiro a enviar postais um ao outro, a corresponder-nos como *pen pals* — coisa que, à época, era bastante popular entre os rapazes e as raparigas que viviam separados por continentes e oceanos até que, um dia, a lei do esquecimento se intrometesse e, lentamente, deixassem de se interessar pela vida um do outro.

Aparentemente, esse tipo de sonhos morre assim que aparece o primeiro amor, o mais real, fisicamente presente.

Não foi o meu caso com Laura Walsh.

Março de 1997
Lisboa, Portugal

Na Primavera desse ano, completamente perdido num emprego de que não gostava — era jornalista, mas sem grande convicção —, decidi que estava na altura de fazer alguma coisa da minha vida e inscrever-me na New York University.

No Departamento de Literatura Inglesa, leccionava Gary List, o escritor que eu mais admirava. List, sessenta e dois anos, tinha sido, em tempos, o grande prodígio da literatura norte-americana, embora não publicasse nenhum romance havia mais de uma década e o seu único e enorme sucesso, *A Traição de Mabeline C.*, andasse perdido nas estantes das livrarias Barnes & Noble e nas prateleiras das bibliotecas públicas um pouco por toda a América. Os seus romances seguintes — sobretudo *Joining Heaven* (este sem tradução portuguesa) e *Marcha Contra a Madrugada* — ainda obtiveram alguma recepção crítica, mas, a partir de então, caíra num vago esquecimento: aquele lugar onde residem os escritores que sofrem da síndrome de um estrondoso começo e dele nunca recuperam, acabando proscritos nos corredores das universidades.

Para mim, Gary List era o maior dos maiores, e a leitura de *Marcha Contra a Madrugada* custara-me um emprego. Aos dezassete anos, eu trabalhara em *part-time* na recepção de um ginásio e, por causa do calhamaço de List — mais de seiscentas páginas! —, acabei por ser despedido após repetidos avisos de que não podia ler durante o expediente. Nessa altura, era um rapaz algo arrogante, de óculos redondos e casaco de camurça coçado; provinha de uma família de classe média-alta e aquele emprego fazia-me tanta falta como uma constipação. O meu sonho era escrever o Grande Romance sem ter a mais pequena ideia do que isso significava, confiando que o meu primeiro livro seria, à semelhança do primeiro de List, traduzido

em quarenta línguas, ignorando a maneira como o mundo funcionava e o facto de Portugal ser um país tão pequeno e tão periférico, que a nossa literatura raramente ultrapassava as suas fronteiras.

A minha avó, que vivia em nossa casa, costumava passar à porta do meu quarto durante a tarde, encontrando-me invariavelmente debruçado sobre a máquina de escrever, pousada numa secretária estrategicamente colocada junto da janela.

«Estou a escrever, por amor de Deus», dizia-lhe eu.

«Não queres uma torrada e um copo de leite?», sugeria ela.

Eu apostava que Gary List nunca tinha passado por aquilo, pela vergonha de uma avó a interromper-lhe o trabalho por causa de um lanche. Então ela aproximava-se com os seus passos pequeninos e espreitava por cima dos meus ombros de adolescente coberto de borbulhas.

«Afiml o que é isso que tu tanto escreves?»

E eu tapava as páginas com as duas mãos.

«Avó, sai daqui!»

«Se for sobre mim, eu quero saber o que é», dizia ela.

«Não é sobre ti.»

«Então de certeza que é sobre a tua irmã.»

«Porque é que eu haveria de escrever sobre a minha irmã?»

«Ela já namora, sabias?»

«E o que é que isso me interessa?»

«Tens a certeza de que não queres uma torrada?»

«Vai-te embora.»

«Achas que vais ser escritor?» Dei meia volta na cadeira e encarei-a, sem paciência. «Vais ser é um grande desempregado, como o teu avô. Queres o leite frio ou morno?»

Mas quem é que, naquela idade, não se põe a sonhar com coisas impossíveis? Todos sofremos de uma forma qualquer de grandiosidade. Para mim, o caminho era evidente. Ia fazer o percurso de Gary List, que começara por brincar ao jornalismo; revelar-me-ia um competente repórter de investigação e, depois, abdicaria da profissão

para fazer literatura, após o que seria convidado a leccionar numa universidade, onde as alunas me pediriam horas privadas para confessarem o seu amor pela minha obra.

Encontrava-me há algum tempo em regime de estágio remunerado no *Diário de Notícias* quando, num tremendo golpe de azar, fui o repórter responsável por uma bronca de primeira página que precipitou a minha queda. Num dia de grande confusão na redação, fiquei responsável por fechar um artigo que dizia respeito à derrapagem do orçamento da Segurança Social. Por cansaço e desatenção — ou porque considerava aquele emprego um pequeno degrau na escada do sucesso vindouro —, enganei-me no título da notícia e escrevi «trinta milhões» onde devia ler-se «três milhões», embora o editor de grafismo me tivesse chamado à sala dos paginadores e perguntado pela correcção daquele número, ao que eu respondi: «Faça o seu trabalho, que eu faço o meu.» A onda de indignação por parte das fontes oficiais não demorou a fazer-se sentir. Ainda que, nesses tempos, a Internet fosse uma amostra pré-histórica do que viria a ser, aquele erro crasso, impresso na primeira página do jornal, depressa se propagou e valeu-me um embaraçoso correctivo por parte do director do jornal, que me obrigou a escrever um pedido de desculpa (assinado por mim) ao Ministério do Trabalho. O meu futuro no jornalismo estava acabado quase sem ter chegado a começar.

Isto aconteceu em Março de 1997. Eu tinha vinte e dois anos e, convencido de que havia alguma coisa em mim que era especial, diferente dos demais, aceitei com orgulho ferido a reprimenda dos meus superiores e, nessa mesma tarde, demiti-me, deixando na secretária do meu editor uma carta fleumática na qual me punia gravemente pelo erro, por ter levado o público ao engano, por ter conspurcado a profissão e por ter desonrado o jornal.

Quando já arrumava as minhas coisas, o editor passou por mim e, de cigarro na boca, disse:

«Foi azar de principiante, pá. Não faças dramas. Amanhã vais às oito com o Sobral cobrir a manifestação dos professores.»

E atirou a minha carta para o lixo, feita numa bola de papel.

Nessa noite, incapaz de adormecer, tornei a olhar para o prospecto que pedira à New York University e que chegara pelo correio. O rosto de List, os olhos claros a contrastar com o cabelo negro e espesso, parecia chamar-me. O problema era que o prazo da candidatura terminava dentro de uma semana e eu não tinha tempo — nem talento — para escrever o conto de dez páginas que era o requerido para admissão no Programa de Escrita Criativa. E então fiz o que qualquer jornalista estagiário incumbido de cobrir a manifestação dos professores às oito horas da manhã seguinte faria na minha situação: plagiei. Peguei no livro de contos de um jovem escritor português que estava na moda, traduzi um dos contos, palavra por palavra, e assinei-o com o meu nome. *The Bed on the Asphalt*, por Pedro Taborda. Era um texto excepcional, que eu lera numa tarde de calor no Verão anterior e que passara a invejar com o quinhão de desprezo que a inveja sempre acarreta; passei também a ressentir secretamente esse escritor pela sua juventude (era apenas um ano mais velho do que eu) e a maldizê-lo sempre que tinha oportunidade.

Agora, que escrevo isto com tantos anos de distância, compreendo como ser jovem é difícil. Como tanto daquilo que pensamos, e sobretudo do que fazemos, acaba por funcionar contra nós. A fragilidade exposta das nossas *certezas*. Por exemplo: eu tinha a certeza de que ter sido aceite na New York University e ter recebido uma carta pessoal de Gary List a acolher-me na turma do Outono de 1997 era um acontecimento incrível, que faria de mim, finalmente, o escritor que sempre ambicionara ser. O que eu não podia saber era que, ao mudar-me para os Estados Unidos, reencontraria a rapariga que marcara a minha adolescência e acabaria envolvido no caso mais mediático dessa altura, que me assombraria durante décadas. Se o soubesse, talvez tivesse ficado quietinho e calado no meu emprego de subalterno no jornal, moderando razoavelmente as minhas ambições e as minhas *certezas*.

Mas é preciso recuar ao Verão de 1987 para que esta história faça sentido. Recuemos: as coisas aconteceram mais ou menos assim.

